

# Um Jabutipê na poética de Antônio Augusto Bueno

*A Jabutipê in the poetics of Antônio Augusto Bueno*

CARLOS AUGUSTO NUNES CAMARGO\*

Artigo completo submetido a 18 de Janeiro e aprovado a 31 de janeiro 2014

\*Brasil, artista visual e professor do ensino superior. Engenheiro Eletricista — Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Artes — Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Doutor em Artes — Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

AFLIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248 CEP 90020-180 — Centro — Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [carustocamargo@ufrgs.br](mailto:carustocamargo@ufrgs.br)

**Resumo:** Este artigo analisa e apresenta as razões que levaram Antônio Augusto Bueno a desenvolver uma poética do deslocamento pautada na coleta e na realocação simbólica da matéria orgânica que se deposita sobre os parques e jardins de Porto Alegre, no Brasil. Considera também, as relações que se estabelecem com sua produção no desenho e na escultura, desenvolvidas anteriormente a 2008, quando adquiriu ateliê próprio, o Jabutipê.

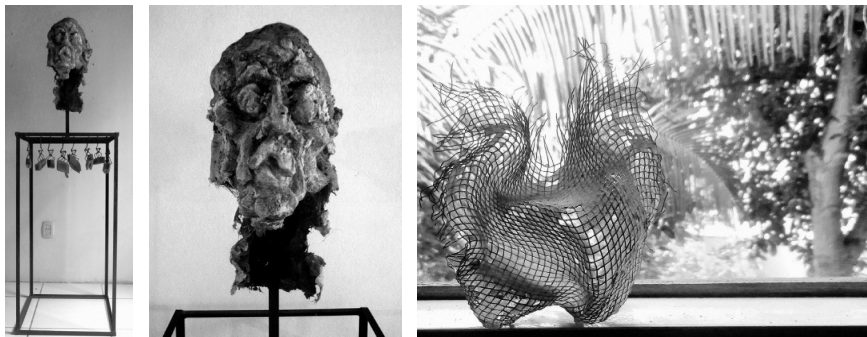
**Palavras chave:** Antônio Augusto Bueno / Processo Criativo / Poética do deslocamento.

**Abstract:** *This article analyses and presents the reasons that led Antônio Augusto Bueno to develop a poetics of displacement guided in collecting and symbolic relocation of organic matter that is deposited on the parks and gardens of Porto Alegre, in Brazil. It also considers the relationships established with his artwork in drawing and sculpture, developed previously to 2008, when he acquired own studio, the Jabutipê.*

**Keywords:** *Antônio Augusto Bueno / Creative Process / Poetics of Displacement.*

## Introdução

Havendo obtido sua formação nos bacharelados em desenho e escultura do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS) e no convívio com as praticas e conversas de ateliê junto aos escultores Gustavo



**Figura 1** · Antonio Augusto Bueno. *Sem título*, 2003. Foto de Bueno (2014).

**Figura 2** · Antonio Augusto Bueno. *Sem título*, 2003. Foto de Bueno (2014).

**Figura 3** · Antonio Augusto Bueno. *Sem título*, 2000. Fonte própria (2013).

Nakle, Xico Stockinger e Gonzaga, em 2008, Antônio Augusto Bueno adquire ateliê próprio, funda o Jabutipê, expande sua atuação cultural em Porto Alegre e, principalmente, a presença de seu corpo poético nos parques da cidade. O Jabutipê possibilita a Bueno, materializar uma prática colecionista de seu olhar que desde a infância, selecionava e classificava estética e plasticamente galhos, folhas e outros objetos orgânicos encontrados em uma praça próxima a sua casa. Não mais limitado pela discordância, no passado, da mãe e das limitações físicas inerentes aos espaços coletivos, Bueno, após observar o acúmulo de galhos e folhas nos fundos de seu novo espaço, coleta e transporta diariamente esses objetos de desejo de seu olhar de infância para seu ateliê e inunda-se de outra materialidade artística. Gravetos são valorizados como linhas potenciais de um desenho espacial e as folhas como matizes que se alternam e sobrepõem entre o piso e o horizonte emoldurado da cidade.

### 1. Um olho na linha o outro no entorno

Jabutipê é uma palavra de origem indígena que em tupi significa casa de jabuti e “define uma árvore de frutos comestíveis, muito saborosos e de madeira utilizada em construções” (Luiz, 2011). Ao se alterar a acentuação, Jabutipê faz referência à árvore ipê, que cresce nos fundos do ateliê, e mantém sua ligação com o animal que carrega a casa em suas costas e se desloca no espaço da organicidade, vital a sua existência. Bueno, apesar de se deslocar lento e serenamente pela cidade coletando folhas e gravetos, leva consigo, impregnado em sua carcaça,

todo embate expressivo e matérico que realizou no desenho e na escultura (Figura 1, Figura 2), quando era obstinado pela representação da forma da cabeça e conforme Poester (2006), “[...] também como Giacometti, centra seu pensamento e seu gesto no desenho mesmo quando pinta ou se dedica a escultura.” O percurso da linha de seu desenho, pelo gesto, pela repetição pelo acúmulo e diálogo com zonas de cores terrosas, estabelece no plano do papel ou da tela uma pulsação entre ser cabeça e abstração, entre ser desenho e escultura, entre fixar o olhar na linha do desenho e se perder em estado de fruição que conforme as palavras de Márcia Tiburi é capaz

*[...] de exercer certo catapultamento dos olhos para fora de suas órbitas. O olho vai parar na parede, escravizado, a retina se torna ela mesma cativa de uma imagem, seja um rosto, um quadro, uma paisagem. Junto com o olho é todo o terreno da subjetividade que vai junto, arrancado do corpo, como que dele desinstalado, inconformado. É obrigado a uma experiência de desinstalação. Prurido, engasgo, desconforto é o que se dá entre a sensação de visar e continuar sendo alguém com vida e nome próprios. É nestas horas que a antiga confusão entre alma e corpo, criamos nela ou não, se torna para nós uma experiência. Junto com o olho parece que inteiros saímos de nós. E não sabemos se acompanhamos o olho ou se voltamos ao corpo. O olho nos lança para fora: aventura é o seu mandamento. Aonde iremos pela mão de uma obra de arte? É preciso perguntar: aonde podemos chegar? (Tiburi, 2007).*

No início do Jabutipê, Bueno intensifica o olhar para dentro de sua produção, que agora se desmembra e distribui por todo o espaço físico de criação e potencializa os devaneios da linha do desenho que se desmembra do espaço bidimensional e se torna arame recozido. Arame tingido em ocre pelo tempo da ferrugem que trama emaranhados de planos e volumes retorcidos entre as bases de ferro e as modelagens de suas cabeças de resina e cerâmica, mas também se faz como linha sinuosa que, flutuando pelo ateliê, deseja retornar ao desenho. Imerso dentro desta pulsação, entre conquistar o espaço e retornar ao desenho, sem talvez nunca ter saído, assim como Bueno, resíduos de cera de abelha impregnados em um fragmento de tela de arame retorcido em forma escultórica aberta e livre, Figura 3, espreitam o entorno e observam, do outro lado da janela, toda a organicidade e plasticidade vivenciada por Bueno em seus passeios de infância, junto a sua mãe pelos parques e jardins da cidade. Com o primeiro outono, galhos, folhas e abacates se acumulam, camada por camada, sobre o pequeno pátio que existe ao fundo do Jabutipê e ocorre um deslocamento na poética de Bueno, em seu modo de operação, em suas intenções e objetivos artísticos.



**Figura 4** · Registro de Ateliê, 2011. Fonte própria.  
**Figura 5** · Registro de Ateliê, 2011. Foto de Bueno.

## 2. Uma outra materialidade

Em seus deslocamentos diários pela cidade, inicia-se um extenso processo de seleção, coleta e valorização de gravetos enquanto elementos potenciais na construção de desenhos espaciais. Arame recozido, cera de abelha, redes de pescar, aquários e as bases modulares vazadas de suas esculturas são utilizados para unir estes novos elementos e configurar o espaço da composição. Um emaranhado de linhas que mantém, em geral, relação com a forma geométrica ortogonal, seja confinado dentro de sua transparência quando interno ao vidro, Figura 4, como transgredindo suas fronteiras espaciais quando encaixado na estrutura modular de ferro, Figura 5, e no batente da janela do Jabutipê, Figura 6.

## 3. Gravetos Armados

A partir de 2010, Bueno realiza uma série de intervenções na cidade. Insere transversalmente os gravetos por toda a extensão da janela do Jabutipê, Figura 6, transbordando a poética do interior de seu percurso para o olhar vago circundante do outro, estrutura uma rede de gravetos suspensa no vão arquitetônico da Casa de Cultura Mario Quintana, explorando a intimidade da forma de seu objeto de descanso cotidiano e, dentro do projeto “*gravetos armados*”, Figura 7, dispõe gravetos sobre o piso e por dentro das tremonhas da Usina do Gasômetro, por onde, no passado descia o carvão, como um fluxo de retorno da natureza frente a sua degradação pelo processo de estratificação do mineral.

Gravetos e olhares perpetuam nossos percursos diários pelos parques e pequenas praças de Porto Alegre, mas armados no interior de estruturas de ferro instaladas no espaço expositivo da Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro, abruptamente transportam nossa imaginação e olhar crítico para o espaço externo, vizinho, do outro lado da parede, em que se encontra a orla do rio Guaíba. Estas construções de Bueno atenuam as fronteiras entre a arte institucionalizada e a pública, no sentido democrático do olhar, do perceber e imaginar-se como agente de intervenção artística no percurso do outro, visto que é impossível não desejarmos nossa a sua experiência artística, suas ações de coletar e preencher as “armaduras de ferro” com materialidades outras, inerentes aos nossos deslocamentos poéticos e não mais a frieza das relações e da concretude da cidade. A efemeridade destas construções, permeadas pela decomposição da madeira, poderia discutir os valores reais do mercado de circulação e exposição das Artes, caso não observássemos o artista cuidadosamente embalando e retornando toda a matéria orgânica ao seu ateliê, ao término de cada intervenção.



**Figura 6** · "Gravetos armados" de Antônio Augusto Bueno. Intervenção na fachada do Jabutipê, 2011.

**Figura 7** · "Gravetos armados" de Antônio Augusto Bueno. Intervenção na entrada da Usina do Gasômetro, 2012. Fotos de Bueno.

**Figura 8** · De Antonio Augusto Bueno. Fotografia da série "um outro outono", 2013. Foto de Bueno.

**Figura 9** · De Antonio Augusto Bueno. "Outono ou nada", intervenção na frente do Jabutipê, 2012. Foto de Sperb.

### Conclusão

As relações que Bueno estabelece atualmente com as arquiteturas privadas e públicas das cidades onde atua artisticamente são decorrentes das operações simbólicas que existiam, em 2003, nos suportes de suas cabeças modeladas em resina e argila, quando dialogava com a obra de Giacometti e significava a base em ferro modular como morada, como no caso da escultura da Figura 1 que “guarda” os cabides coletados no armário de seu falecido avô. Em 2013, quando do piso superior do Jabutipê, em “um outro outono”, observamos o pátio do fundo do Jabutipê repleto de folhas que foram coletadas pela cidade durante todo o outono, percebemos que Bueno não mais congela nossa fruição no tempo presente da percepção do objeto e sim em um tempo e espaço ampliados à espreita de suas ações e valorizações pela cidade, uma poética de deslocamento, de um olho que não mais ‘vai parar na parede’, como colocou TIBURI no início deste artigo, mas transpassa as aberturas do Jabutipê e vivencia uma pintura orgânica em processo de matização perene, que conforme Bueno, sobrepõe “camada por camada, pensamentos, memórias afetivas e novas descobertas”.

### Referências

- Luiz, José (2011) *Dicionário Informal*. [Consulta 2014-01-11]. Disponível em <URL: <http://www.dicionarioinformal.com.br/jabutip%C3%A9/>>
- Poester, Teresa (2006) *Desenhos que explodem*. [Consulta 2014-01-11]. Disponível em <URL: [http://www.teresapoester.com.br/autres-activites/archives/textes\\_artistes2.php](http://www.teresapoester.com.br/autres-activites/archives/textes_artistes2.php)>
- Tiburi, Márcia (2007) *Tatuagens na retina: desenhos de Antônio Augusto Bueno*. [Consulta 2014-01-11]. Disponível em <URL: [http://www.subterranea.art.br/textos/tatuagens\\_retina.pdf](http://www.subterranea.art.br/textos/tatuagens_retina.pdf)>